

Pacto pela educação

MAURO ARRUDA

A sociedade brasileira, por diferentes motivos, de uma maneira geral tem uma opinião distorcida em relação ao empresariado nacional. Sistemáticamente, as pesquisas de opinião pública indicam isso.

Em cima desse quadro, o governo muitas vezes monta sua própria imagem, valendo-se de um discurso inegavelmente bem estruturado. Uma das finalidades desse discurso é mostrar, sobretudo em época de crise, o empresariado como o maior culpado pelos grandes problemas nacionais e como a parcela da elite contrária à modernização do país. Ao agir dessa forma, o governo poderia estar convencido de que, no mínimo, isso não o faz perder nada em termos de popularidade, pois estaria, inclusive, explorando a crença de que os empresários foram os únicos beneficiados pelo modelo de desenvolvimento seguido pelo país no pós-guerra.

Na realidade, esse discurso torna o empresariado verdadeiro refém. Assim é que os empresários, cada vez mais, deixam de sair em defesa de seus interesses, temerosos de serem acusados de querer a perpetuação de práticas em uso no passado. De não quererem concorrência; de terem sobrevivido às custas do estado etc. Quando por algum motivo buscam defender-se, o governo os pune, retomando o discurso. O resultado é que não conseguem reabilitar-se perante a opinião pública.

Em vista disso, o esvaziamento desse discurso é mais do que necessário, pois ele provoca um isolamento perigoso, entre a sociedade e o empresariado nacional, suscetível de ser um dos principais fatores, a médio ou longo prazo, da desindustrialização que já começa a ameaçar o país.

Entre as possíveis formas de esvaziar esse discurso estão as que têm por objetivo reverter as expectativas

da sociedade em relação aos empresários. Trata-se, por exemplo, de começar a promover; a curto prazo, projetos ou programas que permitam apagar a idéia de que "os empresários nunca se movem por causas ligadas ao social".

Das áreas que o empresariado pode dar excelente contribuição, promover projetos ou programas com amplas possibilidades de sucesso, sem dúvida está a educação. Nesta, de há muito ele vem desenvolvendo e implementando projetos, através de entidades ligadas a seus órgãos de representação. Entretanto, não se pode perder de vista que o país ainda não tem um projeto de educação que atenda às exigências da III Revolução Industrial. O empresariado, então, poderia sair na frente, ser pioneiro, lançando, por exemplo, os seguintes programas com dimensão nacional, depois de os mesmos passarem, obviamente, por maior refinamento em termos pedagógicos:

1) Programa de alfabetização de adultos que se preocupe, inclusive, em atingir níveis maiores de formação profissionalizante — a ser promovido pelas escolas vinculadas às entidades ligadas aos seus órgãos de representação (Sesi e Sesc), existentes em bom número de cidades brasileiras;

2) programa de qualificação de mão-de-obra, em larga escala, pela ampliação de vagas e por requisitos de acesso às escolas técnicas do Senai e do Senac mais adequados à realidade brasileira e às exigências da III Revolução Industrial (*).

(*) "A seleção atual, além de discriminatória, resulta em que os aprendizes são "supereducados" para os velhos padrões tayloristas mas, subeducados" para uma inserção plena nos processos modernos de fabricação... Trata-se de desenvolver uma "cultura tecnológica", ou seja, de privilegiar a compreensão e a reflexão sobre os processos técnicos concretos e, não tanto, o ensinar a operar." Iedi — "A nova relação entre competitividade e educação — estratégias empresariais", pág. 30.

Programas como esses, apoiados num forte esquema de divulgação, certamente ajudariam a mudar a imagem dos empresários juntos à sociedade, permitindo a aproximação indispensável entre ambos. Como consequência, o empresariado ganharia mais força. Poderia rebater, quando preciso, as críticas injustas do governo e, mais do que tudo, exigir uma relação mais harmoniosa, sem o que não se pode esperar muito pelo desenvolvimento do país. Não é por outra razão que essa harmonia é tão cultivada nos países desenvolvidos e nos NICs asiáticos.

Está claro que, independentemente da questão da mudança de imagem, esses programas trariam, também, retornos importantíssimos para as empresas no plano da competitividade e da concorrência.

Por fim, não se pode deixar de mencionar que uma maneira de reforçar esse tipo de ação empresarial na educação é fazer com que à frente da mesma, pelo menos até uma determinada fase, estejam empresários comprometidos com projetos e programas que, de fato, podem elevar o grau de modernização do Brasil. Pelo lado da indústria, os membros do Iedi, entidade que concluiu recentemente estudo que menciona como um dos pontos a ser explorado pelos empresários a idéia de fazer-se um pacto entre a indústria e o comércio em benefício da educação, estão entre os mais indicados para levar adiante essa tarefa. De forma a facilitar ainda mais a conclusão desse pacto — empresários da indústria e do comércio têm visões de mundos diferentes — e de dar ao mesmo uma grande divulgação, é importante contar com uma liderança empresarial de outro setor com capacidade de unir esses empresários em torno dos referidos programas.

Mauro Arruda é superintendente geral do Instituto de Estudos para Desenvolvimento Industrial (Iedi), das Nações Unidas.